



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JOILMA BRITO DE SOUZA

**SABERES ANCESTRAIS: PLANTAS MEDICINAIS
NA VIDA QUILOMBOLA DO MONTE RECÔNCAVO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

JOILMA BRITO DE SOUZA

**SABERES ANCESTRAIS: PLANTAS MEDICINAIS
NA VIDA QUILOMBOLA DO MONTE RECÔNCAVO**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Projeto de Pesquisa, apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito parcial para obtenção do grau acadêmico de Bacharela em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

JOILMA BRITO DE SOUZA

**SABERES ANCESTRAIS: PLANTAS MEDICINAIS
NA VIDA QUILOMBOLA DO MONTE RECÔNCAVO**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Projeto de Pesquisa, apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito parcial para obtenção do grau acadêmico de Bacharela em Humanidades.

Data de aprovação: 05/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Prof.^a Dr.^a Maria Andreia dos Santos Soares

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Gomes de Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
1.1	QUEM SOU EU	5
1.2	JUSTIFICATIVA	6
1.3	A COMUNIDADE DO MONTE RECÔNCAVO	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
3	OBJETIVOS	13
3.1	GERAL	13
3.2	ESPECÍFICOS	13
4	METODOLOGIA	13
4.1	BREVE BIOGRAFIA	14
4.2	ENTREVISTA COM MARIA DOMINGAS RAMOS BRITO	14
5	CRONOGRAMA	17
	REFERÊNCIAS	18
	ANEXOS	20

1 INTRODUÇÃO

1.1 QUEM SOU EU

Chamo-me Joilma Brito de Souza. Nascida a 10 de fevereiro de 1983 na maternidade de Santo Amaro, Bahia. Desde que nasci, moro no Monte Recôncavo, comunidade a qual teve seu reconhecimento como remanescente de quilombo em 2007.

Filha de mãe solteira e a segunda de quatro irmãos, apesar das dificuldades (pois lembro que as coisas não eram fáceis), posso dizer que tenho boas lembranças da minha infância. Lembro das brincadeiras de roda, baleado, pula-corda, esconde-esconde e tantas outras. Mas eu gostava mesmo era de ouvir as histórias que diziam respeito aos fatos ocorridos na comunidade e que fazem parte da nossa cultura.

Minha trajetória escolar teve início na escola Cardeal da Silva. Sempre estudei em escola pública. Amava minha escola e minhas professoras. Guardo com muito carinho as lembranças dessa época, em especial o desfile da primavera. Já adolescente, estudei na escola Claudionor Batista; lá foi onde decidi participar do coral da escola.

Sempre fui boa aluna, tinha boas notas e respeitava meus professores e colegas de classe. Tenho amigos desse período de minha vida que me acompanham até hoje, assim como a professora de língua inglesa Carmen Alice.

Ainda durante esse período fui convidada a participar da Pastoral da Criança, onde media e acompanhava o peso das crianças no intuito de combater a desnutrição. Participei, igualmente, do grupo jovem JBS (Jovens em Busca da Salvação) da igreja católica.

Passando pelo ensino médio (que ainda era chamado de 1º grau), fui cursar o magistério, mas acabei não me identificando com o curso na época e não o terminei. Assim sendo, voltei a fazer a formação geral e concluí meu 1º grau.

Minha irmã mais velha, Mara, sempre nos incentivava a estudar, mesmo sabendo das dificuldades que havia para se cursar uma faculdade. Fui aprovada em um vestibular; porém, não pude dar seguimento aos estudos. Foi então que ela me indicou um curso técnico em nutrição e dietética, o qual concluí num período de dois anos.

A vinda da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) para a cidade de São Francisco do Conde foi de suma importância. Hoje, a despeito de tantos relatos de discriminação, preconceitos e dificuldades que o negro sofre para

ingressar numa faculdade, tenho em minha consciência que posso e sou capaz. Ingressei na Unilab através do edital para indígenas e quilombolas.

Sou negra, quilombola, sou inteligente e conto com o apoio e incentivo da minha família. Logo serei uma graduada!

1.2 JUSTIFICATIVA

Este projeto de pesquisa, intitulado *Saberes ancestrais: plantas medicinais na vida quilombola do Monte Recôncavo*, pretende investigar como os conhecimentos sobre plantas medicinais são preservados e qual a importância dessas plantas para esta comunidade. Falar sobre este tema é de grande importância, pois diz respeito a uma cultura muito evidenciada na comunidade. As plantas medicinais são aquelas que auxiliam no tratamento e cura de doenças e elas são utilizadas há muitos anos por nossos antepassados.

Há, na comunidade do Monte Recôncavo, uma grande variedade de plantas medicinais e seu uso faz parte de nosso dia-a-dia, sendo este um dos motivos que me levaram à abordagem do tema. Outro motivo foi minha convivência com minha tia Maria Domingas, tia esta que tem um vasto conhecimento sobre plantas medicinais, um saber herdado de seus antepassados. O uso das plantas medicinais faz parte da minha infância, das minhas lembranças dos chás que minha tia preparava para mim quando pequena, seja para uma dor de cabeça, um resfriado ou uma dor de barriga.

A comunidade do Monte Recôncavo é uma comunidade que teve grande influência do povo africano. Segundo Costa e Silva (1994 *apud* Barbosa da Silva *et al.*, 2012), durante todo o período escravagista, Brasil e África estiveram em contato constante através dos oceanos: os cativos que chegavam traziam notícias e plantas de suas nações, e marinheiros, mercadores e ex-escravo, no retorno, levavam as do Brasil e dos africanos que aqui viviam. Por sua vez, Almeida (2003 *apud* Mota; Dias, 2012) afirma que a utilização de plantas medicinais no país é uma prática comum, resultante da forte influência cultural da miscigenação de tradições indígenas com tradições africanas, oriunda da resistência dessas tradições a três séculos de tráfico de escravizados/as negros/as e à cultura europeia trazida pelos colonizadores.

Entre as variedades de plantas medicinais existentes na comunidade, as mais comumente utilizadas são: erva cidreira, capim santo, boldo e alumã. Elas auxiliam, respectivamente, no tratamento de gases, estresse, gripe e problemas estomacais. Algumas dessas plantas são encontradas nos quintais das casas ou nas roças, enquanto outras são encontradas no mato.

Antigamente, a maioria dos moradores da comunidade preferia fazer uso dessas plantas ao invés dos medicamentos de farmácias, por se tratarem de medicamentos naturais.

Esta pesquisa é de grande relevância para a comunidade quilombola do Monte Recôncavo, pois busca valorizar saberes populares que sobrevivem através da oralidade, são mantidos por seus moradores e constituem uma cultura que se propaga de geração em geração; a pesquisa, logo, pode trazer também grandes aprendizagens para a área das ciências humanas; afinal, “saber de onde vem o conhecimento que enriquece a cultura de um povo é primordial para a pesquisa nessas áreas, de modo a evidenciar a interação homem/ambiente e de que maneira a mesma se expressa” (Rodrigues; Guedes, 2006, p. 6)

1.3 A COMUNIDADE DO MONTE RECÔNCAVO

O Monte Recôncavo está localizado no município de São Francisco do Conde, na região metropolitana de Salvador, no estado da Bahia. Segundo informações da Unidade de Saúde da Família Maria Florence Nery, existem na comunidade 639 famílias e um total de 1882 habitantes, esses dados referem-se ao ano de 2019, embora deva-se levar em consideração que este número pode não ser 100% preciso, pois podem existir famílias cujos dados não constam nesta unidade de saúde.

Como foi afirmado na seção anterior, o Monte Recôncavo é uma comunidade que teve grande influência cultural do povo africano. Por ter sido, até metade do século XX, um local de difícil acesso, por décadas serviu de abrigo para negros escravizados que fugiam dos engenhos próximos. Ainda hoje fazem-se presentes no cotidiano da comunidade traços de modos de vida passados, tais como a caça e a pesca, assim como o plantio de aipim, mandioca e outras culturas, bem como diversas manifestações culturais. Em fevereiro de 2007, a comunidade foi certificada pela Fundação Cultural Palmares como Comunidade Remanescente de Quilombo.

A Igreja de Nossa Senhora do Monte, patrimônio histórico e cultural da comunidade, foi construída no s. XVII. Existem outras igrejas de denominações evangélicas e centros de religiões de matrizes africanas.

A comunidade conta com três escolas, sendo uma de educação infantil, outra de ensino fundamental I e outra de ensino fundamental II. Os estudantes da comunidade realizam o ensino médio no centro da cidade.

A vereadora Sônia Batista, moradora da localidade, reeleita em 2020, estando em seu oitavo mandato, é quem representa atualmente a comunidade politicamente dentro do poder

público municipal. Há na comunidade duas associações: a Associação de Moradores Quilombolas do Monte Recôncavo, que foi criada por moradores da comunidade com o objetivo de requerer a certificação, e a Associação Quilombola Tamarari, também criada por moradores da comunidade; essa associação realiza reuniões para discutir problemas da comunidade, traz cursos profissionalizantes para a comunidade através de parcerias e colaboradores.

O Monte Recôncavo é uma comunidade tranquila. Alguns de seus moradores são funcionários da Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde, sejam eles contratados temporariamente ou concursados. Exercem suas funções na própria comunidade ou na cidade. Contudo, a maioria dos homens da comunidade saem em busca de trabalho em outros estados, em empresas privadas, principalmente os jovens. Há também quem trabalhe por conta própria (os autônomos).

Os principais desafios enfrentados pela comunidade atualmente são os serviços dos transportes públicos, o desemprego ou o acesso a saúde (as ambulâncias, por exemplo, não permanecem no posto médico da comunidade e seus moradores têm que aguardar até que estas venham do centro da cidade).

O local é visto como um lugar tranquilo para se viver, do qual se vê lindas paisagens, em especial a Bahia de Todos os Santos, para onde está voltada a Igreja de Nossa Senhora do Monte.

Trata-se uma comunidade de grande riqueza cultural. A exemplo disso tem-se a festa do 2 de fevereiro, onde homenageia-se Nossa Senhora do Monte, padroeira da comunidade. Nesta data são realizados missa, procissão, chale e esmola cantada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ferreira et al. (2020) mostra a relação da comunidade com as plantas e seu uso tradicional. De acordo com Ferreira *et al.* (2020, p.817):

O resgate etnobotânico e a valorização do saber empírico permitem compreender o aproveitamento e a interação do homem com a natureza vegetal, bem como resgatar informações sobre os usos tradicionais e suas potencialidades. Além disso, possibilitam registrar a composição florística local, o manejo e as etnocategorias de usos das plantas.

Ao longo desse texto, podemos perceber a importância do saber tradicional sobre a utilização das plantas para fins medicinais, a partir de dados coletados na comunidade Barreirinho (Mato Grosso); percebe-se que o uso das plantas medicinais é praticado pelos mais velhos e também pelos jovens, o que mantém essa prática cultural preservada. Segundo Ferreira *et al* (2020, p. 818),

com base nas informações apresentadas, este estudo tem por objetivo resgatar o conhecimento tradicional acerca dos recursos vegetais, o manejo, o preparo e a indicação terapêutica das plantas medicinais utilizadas na comunidade Barreirinho, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil.

Sales *et al.* (2019) mostram como as plantas estão presentes no dia a dia da comunidade quilombola Senhor do Bonfim-Areia-PA, os tipos, como e para que são utilizadas, onde são encontradas, etc. Percebe-se na comunidade forte influência da cultura no uso das plantas medicinais. Sabe-se que os quilombolas carregam consigo e ainda praticam os costumes de seus antepassados: entre esses costumes está a prática do uso das plantas medicinais como uma alternativa para as curas e tratamentos de suas enfermidades. As pessoas da comunidade conhecem perfeitamente as ervas que utilizam sabendo inclusive as enfermidades para a qual cada planta é utilizada (Sales *et al.*, 2009, p. 32). Parafraseando Sales *et al.* (2009), a intenção desse trabalho foi a conservação da tradição e do conhecimento sobre plantas medicinais mantidos na comunidade, onde, por meios de visitas e entrevistas, foi feito um levantamento etnobotânico.

Ferreira *et al.* (2014), em seu artigo, nos resultados da pesquisa, percebemos que deve-se ser feito um resgate sobre o conhecimento das plantas medicinais, valorizando o saber tradicional. Esse trabalho teve como objetivo identificar as espécies medicinais utilizadas pela comunidade quilombola Carreiros, localizada na Zona da Mata Mineira, bem como traçar o perfil social das famílias dessa comunidade (Ferreira *et al.*, 2014). Na comunidade, tanto os adultos quanto os jovens demonstraram possuir conhecimentos sobre as plantas medicinais; sendo que a maioria são mulheres. Esses conhecimentos foram passados de geração em geração, por meio da oralidade.

Mota e Dias (2012) enfatizam a botânica, a relação que o homem tem com as plantas, a importância de se manter o conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais. Foram feitas entrevistas e levantamentos de dados na comunidade, onde materiais botânicos foram coletados. Mota e Dias (2012, p. 152) dizem que

O presente estudo objetivou realizar um levantamento etnobotânico em quintas florestais de uma comunidade remanescente de quilombolas, avaliando sua importância como fonte de conhecimento tradicional agregado a biodiversidade local, junto às plantas medicinais.

O que chama a atenção nesse texto é que, segundo Mota e Dias (2012), nenhum dos entrevistados transmitiu seus conhecimentos sobre a utilização, dosagem e preparo das plantas medicinais aos seus filhos. Dentre os motivos apresentados, destaca-se a falta de tempo ocasionada pelo trabalho dos filhos para ajudar na renda familiar e, principalmente, a falta de interesse por parte do próprio familiar. Isso acarreta perda desse conhecimento tradicional pela comunidade de Hêlvica, no sul da Bahia.

Gomes e Bandeira (2012) ressaltam as comunidades tradicionais remanescentes de quilombos, bem como a importância dos conhecimentos dessas comunidades, pois os mesmos vêm encontrando dificuldades de se manterem vivos, tendo em vista que a maioria dos jovens não demonstram interesse em aprender sobre o uso das plantas medicinais. Quanto ao domínio do conhecimento e a questão de gênero, pode-se inferir que as mulheres tendam a demonstrar um maior conhecimento acerca da utilização das plantas (Gomes; Bandeira, 2012). Esse trabalho buscou fazer um levantamento das plantas medicinais utilizadas pela comunidade Casinhas localizada no Raso da Catarina Bahia, como são utilizadas, quais partes são utilizadas, onde são obtidas.

As plantas medicinais vêm sendo utilizadas por muitos séculos. Os conhecimentos sobre plantas medicinais perpassam gerações. Os saberes concebidos sobre esses recursos e seus efeitos curativos são conhecidos por diversas pesquisas no mundo todo por meio de realização de estudos e transformações em laboratórios onde os fármacos naturais são a base e reprodução da indústria farmacêutica (Silva *et al.*, 2012, p. 115). Silva *et al.* (2012) cita como surgiu a medicina popular no Brasil, com o uso das plantas, uma mistura dos conhecimentos indígenas e africanos. De acordo com Silva *et al.* (2012, p. 116),

O Brasil figura como o país que detém a maior parcela da biodiversidade do mundo, possuindo a maior variedade de plantas do planeta distribuída em diferentes ecossistemas, os quais detêm aproximadamente 24% da biodiversidade mundial. Entre os elementos que compõem tal biodiversidade, as plantas são a matéria-prima para a fabricação de fitoterápicos e outros medicamentos.

Além disso, as plantas também são utilizadas no preparo de remédios utilizados em casa, as denominadas plantas medicinais. O uso das plantas medicinais baseia-se em conhecimentos transmitidos através da oralidade. Silva *et al.* (2012) afirmam que “consequentemente, a medicina popular apresenta aspectos peculiares, pois não está limitada apenas a comunidades

tradicionais, como os grupos indígenas ou quilombolas, mas é praticada também por comunidades que habitam os biomas brasileiros”.

Assim como na comunidade quilombola do Abacatel localizada na cidade de Ananindeua(PA), Silva *et al.* (2012) dizem que “o uso e o conhecimento em plantas medicinais foram adquiridos, em sua maioria, por meio de familiares de geração em geração”. Contudo, não é essa a única maneira pela qual se adquirem estes conhecimentos.

Flor e Barbosa (2015), por meio de entrevistas e estudos de caso, coletaram dados sobre moradores e sobre plantas. De acordo com Flor e Barbosa (2015, p. 759), “se destacou de maneira geral que os mais idosos conhecem uma maior diversidade de plantas úteis, devido ao saber acumulado ao longo de suas vidas”. A sabedoria popular no uso das plantas medicinais pelos moradores do bairro do Sossego, no distrito de Marudá-PA, é bastante evidenciada. Segundo Flor e Barbosa (2015, p. 761), “pode-se ressaltar que as espécies medicinais realizam importante papel na prevenção da saúde básica, porque mesmo a medicina convencional permanecendo acessível, elas foram citadas como primeira opção para tratamento de doenças”. Podemos perceber no texto a importância do uso e do conhecimento das plantas, em relação aos quais a maioria detentora desses conhecimentos, que são transmitidos através da oralidade, são mulheres.

Já nas pesquisas especificamente a respeito do Monte Recôncavo, Ribeiro (2018) conta como surgiu e como acontecia a esmola cantada na comunidade, que tinha o intuito de arrecadar dinheiro para preparar os festejos da sua padroeira. Pretende-se no trabalho divulgar a história da esmola cantada no intuito de incentivar a população a preservar e valorizar suas tradições, fazendo com que futuras gerações tenham a oportunidade de viver a riqueza do patrimônio e material local, a sua cultura, o que dá o referencial característico (Ribeiro, 2018). Segundo Ribeiro (2018), a religiosidade sempre foi uma das principais características da população montense, principalmente as práticas das manifestações culturais, reafirmando as relações de afetividade e identidade com o local.

Alves (2018), em seu projeto de pesquisa, conta sua experiência quando ingressou no Centro Educacional Claudionor Batista, mesmo ano em que a lei 10.639/03 foi sancionada. Também relata que, mesmo a lei tendo sido sancionada, esta não era posta em prática nas escolas onde ele estudou. Segundo Alves(2018), a pesquisa busca analisar a aplicação da lei no currículo escolar das disciplinas de História, Artes e Português; essa análise é realizada junto às/aos professores das referidas disciplinas, com o objetivo de identificar como e se a temática está inserida em suas aulas e quais os desafios enfrentados na aplicação da lei.

Gomes (2022), em seu projeto de pesquisa, propõe uma análise aos acessos da estrutura da escola Duque de Caxias no Monte Recôncavo, e às dificuldades enfrentadas pelos alunos com deficiência física. A falta de acessibilidade nos espaços escolares faz com que as crianças com deficiência física sintam-se excluídas.

Santos (2022) relata sua experiência nos anos de 2014 a 2016, quando a mesma trabalhou na escola José de Aragão Bulcão como auxiliar de disciplina da educação infantil, na comunidade quilombola do Monte Recôncavo. Santos relata a reação das crianças quando os professores utilizavam histórias com personagens negros, a resistência das crianças e comentários maldosos tanto dos pais quanto das crianças, bem como a ausência de materiais didáticos e da literatura negra. O professor desenvolve um papel importante no desenvolvimento das crianças na educação infantil, onde muitas crianças chegam com pensamentos e atitudes racistas que foram adquiridas no convívio familiar (Santos, 2023). Nesse sentido entra a importância da lei 10639/03 na educação infantil, pois a mesma contribui para a construção de práticas na educação infantil de promover a igualdade racial, trazendo a obrigatoriedade racial da temática História e Cultura Afro-Brasileira (Santos, 2022).

Desde sempre, o negro sempre foi representado com imagens estereotipadas, sendo desvalorizado, passando sempre uma imagem negativa. Neste sentido, Bernardo (2022), apresenta, em seu projeto de pesquisa, a importância dos contos africanos na desconstrução desses estereótipos. Segundo Bernardo (2022), os contos africanos ajudam na formação da identidade das crianças e na valorização do negro e da sua cultura.

Ferreira (2022) aponta que o uso das tecnologias digitais é importante, mas se pergunta até que ponto essa tecnologia traz benefícios as comunidades quilombolas, num cenário de pandemia, de modo particular na comunidade quilombola do Monte Recôncavo. A autora também aponta a falta de políticas públicas para essas comunidades. Segundo Ferreira (2022), o uso das tecnologias digitais durante a pandemia tornou-se um desafio para quase todas as escolas quilombolas do país. O uso das tecnologias digitais durante a pandemia foi um desafio tanto para os professores quanto para os alunos e as famílias.

Celestino (2020) relata a experiência artística-pedagógica que foi realizada em 2017 e 2018 na escola Duque de Caxias, na comunidade quilombola do Monte Recôncavo. A turma era de jovens e adultos e na atividade os mesmos contaram “causos e contos” (n.p) que já conheciam e que pesquisaram na comunidade.

3 OBJETIVOS

O uso das plantas medicinais na comunidade quilombola do Monte Recôncavo é um legado cultural que precisa ser mantido, pois perpassa gerações. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivos:

3.1 GERAL

Fazer um levantamento sobre as ervas medicinais mais utilizadas na comunidade quilombola do Monte Recôncavo e seus fins medicinais.

3.2 ESPECÍFICOS

Investigar como e por quem esses conhecimentos sobre plantas medicinais é preservado.

4 METODOLOGIA

A pesquisa será desenvolvida com base em entrevistas. Para a realização da primeira entrevista, incluída neste projeto, foi feita uma visita prévia à entrevistada Maria Domingas Ramos Brito, onde pude lhe explicar sobre o trabalho a ser desenvolvido e pedir sua autorização para gravar a entrevista, ficando esta acordada para ser realizada em 15 de setembro de 2023.

A entrevista foi realizada na data citada acima, em minha residência no Monte Recôncavo. Gravada através do meu aparelho celular, a entrevista durou 7 minutos e 59 segundos. O próximo passo foi executar a transcrição, na qual fui ouvindo a gravação e transcrevendo num caderno exatamente da maneira que foi falado pela entrevistada. Após o término da transcrição num caderno, foi feita a digitação no computador.

Estando a entrevista pronta e digitada, o passo seguinte foi fotografar as plantas medicinais citadas durante a entrevista (as fotografias são incluídas como Anexo I). As fotos foram realizadas no dia 10 de novembro de 2023, no momento em que a entrevistada colhia as plantas medicinais citadas por ela. Outras fotos das plantas foram feitas na cozinha de sua

casa. No dia seguinte, voltei a sua residência para que o termo de consentimento informado fosse assinado.

4.1 BREVE BIOGRAFIA

Maria Domingas Ramos Brito nasceu em 07 de janeiro de 1961 no Monte Recôncavo. Filha de Claudemiro Ramos e Maria Júlia dos Santos, viúva há 5 anos, é dona de casa e mãe de cinco filhos, sendo um de criação. Católica e devota de Nossa Senhora, participou do grupo ECC (Encontro de Casais com Cristo); foi coordenadora da Pastoral da Criança no Monte Recôncavo e faz parte da Renovação Carismática Católica na Paróquia de Nossa Senhora Luz do Monte. É carinhosamente apelidada por seus familiares de Mãe Natureza, devido aos seus conhecimentos sobre plantas medicinais.

4.2 ENTREVISTA COM MARIA DOMINGAS RAMOS BRITO

- Para começar eu gostaria que a senhora falasse um pouco sobre você, como foi que a senhora aprendeu sobre plantas medicinais?

- É, aprendi com a minha vó, né? É... ela tirava as folha, aí perguntava a ela pra que que servia aquelas folha. Ela ia me dizendo. Aí com o tempo eu fui aprendendo o nome, alguns nomes de algumas folha. Aí perguntava pra que é que servia, aí ela dizia “essa aqui serve pra garganta inflamada, essa aqui já serve pra diarreia, essa aqui já serve pra gripe, essa aqui já serve pra quando toma porrada”. Aí fui aprendendo.

- Quais as plantas mais usadas na comunidade?

- É cidreira, é erva cidreira, é milice, que são tudo igual, só é diferente os nome. É laran... a folha da laranja da terra que eu uso, uso muito. É aquela folha também, como chama...? Ai meu Deus! A folha da manga espada que é bom pra febre; quando os menino está com... os netos tá com febre faço banho pra dar; a folha da cece, que não bebe mas toma o banho; a folha da água de elevante que a flor serve pra pressão alta e a folha se você tiver assim com sinusite, é... uma senhora, chamada dona Mundinha -“Deus a tenha” - é... ela me ensinou pra cozinhar a folha, botava uma toalha dentro, enrolava na cabeça e quando esfriava tornava a botar de novo e botava de novo na cabeça e aí a sinusite ia ficando, ficando boa da sinusite. Aí ela, ela ia fazendo e eu ia aprendendo. E isso eu plantei um pé lá no quintal. Aí quem precisava ia lá, dava. Aí agora, agora acabou tudo porque... tudo quer dizer lá no quintal, a

metade das coisa... porque construindo aí vai jogando cimento, areia, essas coisas; aí vai matando, mas eu tô replantando tudo de novo.

- Certo. Nos dias atuais, nos dias de hoje, as plantas medicinais ainda são utilizadas como antes, com a mesma frequência, ou você acha que as pessoas estão procurando menos pelas plantas?

- Hoje está procurando menos, né?, que hoje é difícil. Às vezes fala assim “ah toma o chá disso, ah já tomei aquele remédio.” Aí toma aquele remédio, “ah já, já tomei dois, três frasco, não resolveu”. Aí você vai e faz um xarope de... de abacaxi, um xarope daquela folha que chama folha da costa, essas folhas que... É o xarope da beterraba e melhora muito [diz estalando os dedos], melhor de que esses remédio que a gente come hoje, toma hoje, né? Porque naquele tempo era só as planta medicinais que servia, mas hoje não: hoje tem remédio e o remédio não tem o mesmo efeito das planta natural.

- Você considera importante manter essa tradição do uso das plantas medicinais? Por que?

- Considero porque já é de antigamente, né? lá da época da minha vó, da minha mãe. Porque, como minha vó dizia, naquele tempo nem todo mundo tinha dinheiro pra comprar um remédio; aí ia lá, pegava as folha, ia dando, como mesmo aquela folha mesmo... Hoje tem a vacina, mas naquele tempo pra sarampo era... era aquela folha que chama... oh meu Deus! Tô com o nome da... da folha na boca, é... cece, não. Esqueci o nome da folha. É bom pra... Não é a cece não. Tem a cece, cece é bom pra febre. É sabugueiro (obrigado Jesus!), sabugueiro. Aí o sabugueiro ali dando os banho, dava dois banho e a flor do sabugueiro naquele tempo, minha vó dizia que fazia o chá da flor, aí botava mel, naquele tempo não botava açúcar, botava mel. E ia dando e a febre ia saindo, ia saindo e curava.

- Esses conhecimentos que a senhora tem hoje sobre plantas medicinais, a senhora tem passado pra alguém? Pros seus filhos?

- É... passo pra alguém, né? mas ele nem liga de aprender, né? É como nestante mesmo: eu tava falando com o Gabriel do xarope do abacaxi, que ele está tomando esse remédio, Loratadina, eu não vejo nada esse remédio. Aí você vai e faz, pega uma folha dessa; eu fui na casa de Jandira, peguei aquela folha que chama (é... meu Deus do céu!) trançagem, trançagem. A folha você cozinha ela, você não vê nada, não vê nem cor da..., mas é um antiinflamatório muito bom. Nestante tava falando com ele, é um anti inflamatório muito bom. Aí cê coa, que ele tem uma sementinha, cê vai e coa e adoça com mel ou com açúcar, o que tiver, e bota e toma.

- No caso de alguém te procurar para pedir uma opinião sua sobre determinado remédio, são pessoas da comunidade, pessoas da família? Quais são as pessoas que te procuram?

- Da comunidade mesmo, aí às vezes eu tenho lá seca, pego, dou. Como uma vez eu fui entrevistada que uma moça, era do Rio do Janeiro, que Nonó trouxe aqui, que ela andou esse Monte todo aí; aí Nonó levou ela lá em casa; aí eu ainda tirei até uma foto da flor, foi porque eu tava com pressa, eu ia ver se tinha flor que eu ia tirar, mas quando eu achar eu vou te dar a flor, tirar a foto pra te dar. Aí essa foto [diz estalando os dedos] ela levou pra São Paulo, pro Rio, aonde ela ia. Levou meio mundo de folha e diz que lá esses remédios de pressão são essas folhas natural, que eles vão fazer esse trabalho que você tá fazendo aí. E leva e faz, mas a gente aqui num... não tem nem quem quer fazer, né? A gente toma o chá sim, mas tem que tomar o remédio, que sem o remédio também a gente não pode ficar sem tomar. Mas eu tomei, a água do alho eu fiz; eu tomei a água do alho. O alho também é muito importante, eu achava que era mito, mas só que é verdade a água do alho. Bota a água do alho de um dia pro outro. E assim toma o mingau do alho de manhã. Ontem eu fiz ontem. Eu digo “não vou tomar remédio não, eu vou fazer isso aí”. Quando eu cheguei lá, de hoje que minha pressão não vai pra 12 por 8, ói 12 por 8; não, 12 por 9. Aí a enfermeira falou assim “e sua pressão baixou! Você tomou o que? tomou remédio?” Eu disse “não”; aí eu disse a ela “dei uma caminhada e tomei a água do alho”. Aí ela disse “o alho é muito bom, a gente que não liga. Eu mesmo não gosto”, ela dizendo, “eu mesmo não gosto”. Aí eu disse “aí oh aí”, eu disse. Uns seis meses atrás que minha pressão tava abusando, aí “faça o suco do chuchu meio dia, meia hora antes do almoço. Não tome nada não.” Não é que eu fiz isso e a pressão baixou mesmo! E aí a gente fica assim, tem tudo natural aí ó. Aí esse pé de chuchu que eu tinha lá no quintal, já amava aquele pé de chuchu, mas não tinha como ficar porque tava acabando com o quintal dos outro também, aí tive que cortar. Mas no mais tudo bem!

5 CRONOGRAMA

	Semestre 1	Semestre 2	Semestre 3	Semestre 4
Aprofundamento da fundamentação teórico-metodológica	X			
Desenvolvimento de entrevistas com outros/envolvidos e levantamento documental		X		
Análise e interpretação de dados			X	
Elaboração do texto final				X

REFERÊNCIAS

- ALVES, Hodair do Rosário. **Lei 10.639/03 e a educação escolar quilombola no Centro Educacional Claudionor Batista no Monte Recôncavo (São Francisco do Conde, Bahia)**. 2022. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2651>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- BARBOSA DA SILVA, Nina Cláudia *et al.* Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II-Bahia, Brasil. **Boletim Latinoamericano e do Caribe de Plantas medicinais e Aromáticas**, v.11, n.5, p.435-453, set. 2012. Disponível em : <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=85624131006>.
- BERNARDO, Marília Bulcão. **Importância da leitura de contos africanos na Educação Infantil**. 2022. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1578>. Acesso em: 19 de jun. 2023.
- CELESTINO, Rubens Dos Santos. Contos e encantos do quilombo Monte Recôncavo. In: **ARVORECER NEGRO: LUGAR DE NEGRO É NA EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA-TRAJETÓRIAS NEGRAS NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES. Anais...Teixeira de Freitas(BA) IF Baiano, 2020**. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/iii-arvorecerno/300279-CONTOS-E-ENCANTOS-DO-QUILOMBO-MONTE-RECONCAVO>>. Acesso em : 18 de jun. 2023.
- FERREIRA, André Luís de Souza; PASSA Maria Correte e Nunes; Cecília Verônica. A etnobotânica e o uso de plantas medicinais na Comunidade Barreirinho, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. **Interações**, Campo Grande, v.21, n.4,p.817-830, dez.2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/inter.v21i4.1924>. Acesso em: 17 de jun. 2023
- FERREIRA, F. M. C.; LOURENÇO, F. J. de C.; BALIZA, D. P. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na comunidade quilombola Carreiros, Mercês – Minas Gerais. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 205–212, 2014. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS/article/view/2612>. Acesso em:17 de jun.2023.
- FERREIRA, Grazieli Moreira. **O uso de tecnologias digitais na educação escolar quilombola e seus desafios durante a pandemia de Covid-19: a comunidade quilombola do Monte Recôncavo (BA)**. 2022. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/3048>. Acesso em: 19 de jun. 2023.
- FLOR, A.S.S.O.; BARBOSA, W.L.R.. Sabedoria popular no uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro do sossego no distrito de Marudá - PA. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.17, n.4, p. 757-768. 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1983-084X/14_064. Acesso em: 19 de jun. 2023.

GOMES, Thiago Bezerra e BANDEIRA, Fábio Pedro Souza de Ferreira. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. **Acta Botânica Brasileira**, v.26, n.4, p.796-809, 2012.. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-33062012000400009>. Acesso em: 18 de jun. 2023.

GOMES, Vania Alves. **Barreiras físicas e sociais: um estudo sobre acessibilidade das crianças com deficiências físicas na escola quilombola do Monte Recôncavo**. 2022. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/3074>. Acesso em: 19 de jun. 2023.

MOTA, Renata dos Santos e DIAS, Henrique Machado. Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. **Interações**, Campo Grande, v. 13, n. 2 , p. 151-159. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-70122012000200002>. Acesso em 18 de jun. 2023.

RIBEIRO, Elaine dos Santos. **Esmola cantada no Monte Recôncavo – São Francisco do Conde/BA**. 2018. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 201. Disponível em : <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/844>. Acesso em: 19 de jun. 2023.

RODRIGUES, A.C.C. ; GUEDES,M.LS. Utilização de plantas medicinais no povoado Sapucaia, Cruz das Almas-Bahia. **Rev. Brasil. Pl. Med.**, Botucatu, v.8, n.2, p.1-7, 2006.

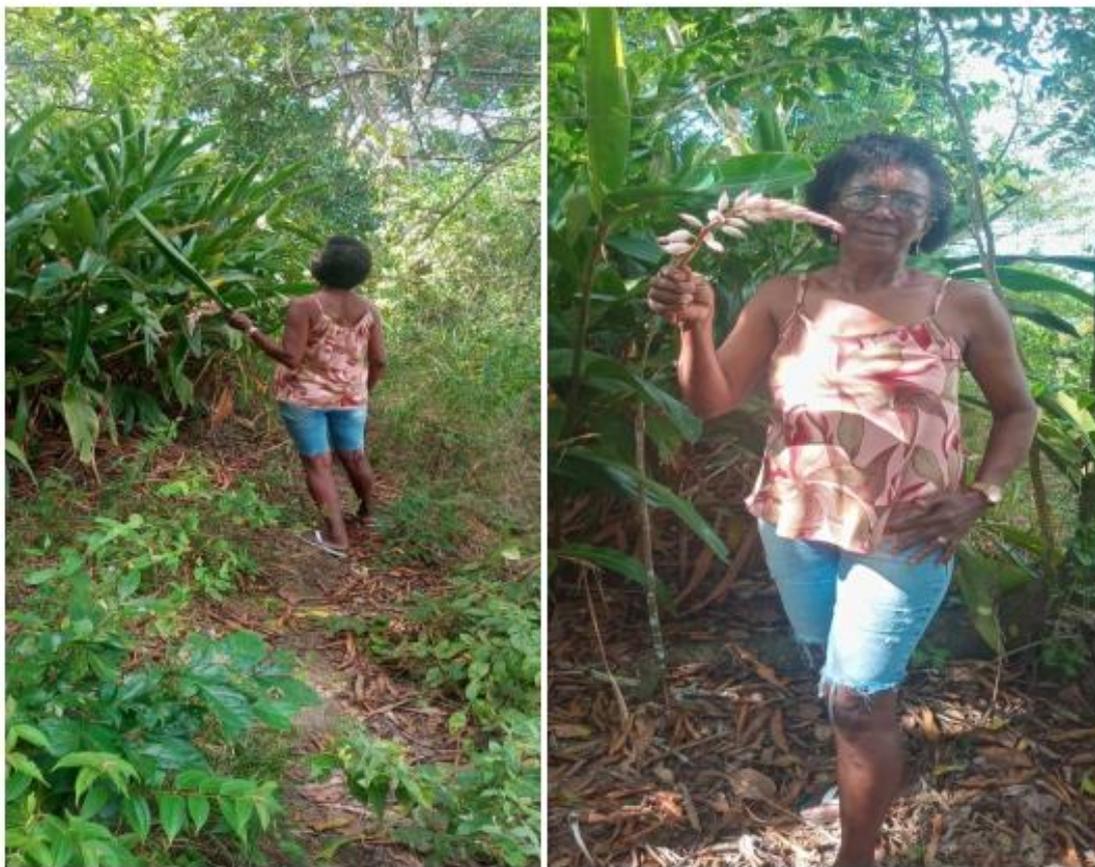
SALES, G. P. dos Santos; ALBUQUERQUE, H. N. de; CALVACANTE, M. L. F. Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim - Areia-PB. **Revista de Biologia e Ciências da Terra** [s. l], v.1,p.3136, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=50026200002> Acesso em: 17 de jun. 2023.

SANTOS, Daniela Araújo dos. **Importância do ensino da literatura negra na formação identitária das crianças da Educação Infantil**. 2022. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2539>. Acesso em: 19 de jun. 2023.

SILVA, Amanda Cardoso da; LOBATO, Flavio Henrique Souza; RAVENA-CANETE, Voyner. Plantas medicinais e seus usos em um quilombo amazônico: o caso da comunidade Quilombola do Abacatel, Ananindeua (PA). **Rev. NUFEN**, Belém , v. 11, n. 3, p.113-136, dez. 2019.Disponível em : <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº03artigo61>. Acesso: 19 jun. 2023.

ANEXOS

FOTOGRAFIAS



FOLHA E FLOR DA ÁGUA DE LEVANTE



ERVA CIDREIRA



FOLHA DA COSTA



CECÉ



FOLHA DA LARANJA DA TERRA



FOLHA DA MANGA ESPADA